

# Escritor Sarney cada vez é mais editado no exterior

Brasília — Wilson Pedrosa

Maria Luiza Jacobson

BRASÍLIA — Embora praticamente desconhecido no Brasil, o escritor José Sarney é cada vez mais editado pelo mundo, depois que assumiu a presidência da República: seus livros foram lançados em Portugal, França, Alemanha Ocidental, Inglaterra, Romênia, China e — precedendo sua visita a Moscou, em outubro — agora na União Soviética (um volume com o romance *Brejal dos Guajás* e *Dez Contos Escolhidos*). Na URSS, o livro foi lançado na Comissão de Solidariedade com os Países da América Latina, sob o título de *A lenda do corcel preto*, tirado do conto *Graúna*.

*Norte das Águas*, o primeiro livro de contos de José Sarney, foi lançado durante a viagem à China, em julho, com tarde de autógrafos em pleno Palácio do Povo, o Congresso chinês. A tiragem de 3 mil exemplares é inexpressiva, para um país de mais de 1 bilhão de habitantes. A embaixada do Brasil em Pequim comprou quase todos os volumes e Sarney, feliz, autografou mais de 100 livros. Está longe de alcançar o prestígio de Bernardo Guimarães, cuja *Escrava Isaura*, em tradução do 2º secretário da Embaixada da China em Brasília, Li Shulian, teve, na 1ª edição, 300 mil exemplares vendidos e, na segunda, 200 mil.

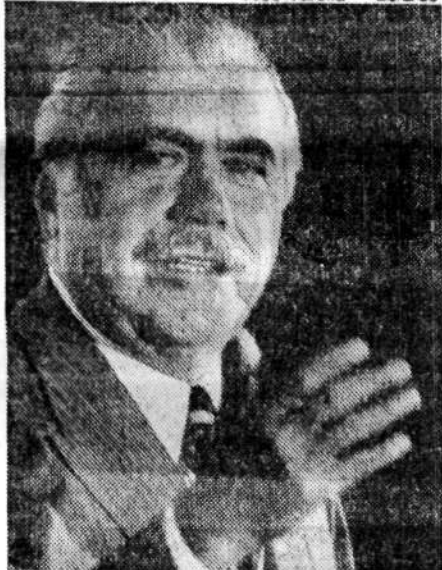
**Magia** — O jornal boliviano *Los Tiempos*, editado na cidade de Cochabamba, dedicou várias páginas à produção literária de Sarney, referindo-se à "obra mágica e poética, escrita com tanto gosto e esmero, por um homem que é, ao mesmo tempo, escritor, político e estadista". O talento literário do presidente é comparado, no exterior, ao de Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Jorge Amado, equiparações a que ele ainda não fez jus no Brasil.

Tudo começou com uma iniciativa do amigo e acadêmico Marcos Vilaça, que sugeriu o lançamento de *Norte das Águas* como um dos programas a ser cumprido durante a viagem presidencial a Lisboa. Amigo íntimo e assessor especial do presidente, com bom circuito nos meios literários portugueses, não foi difícil convencer a editora Bertrand, uma das mais antigas e tradicionais de Portugal, a se interessar pela idéia. Para convencer o Itamarati e o governo português a incluírem a visita à Bertrand na programação oficial, foi só dizer o quanto o presidente apreciaria a idéia.

**Dois livros** — *Norte das Águas* foi lançado em Lisboa em 1986, também numa edição pequena, de cerca de 3 mil exemplares, em tarde de autógrafos com a presença de intelectuais portugueses. Pouco depois, o livro de poemas *Marimbondos de Fogo* mereceu uma tiragem ainda menor, de 2 mil exemplares.

Difícilmente se saberá se o próprio Sarney teria sugerido a Vilaça que gostaria de receber essa homenagem. De qualquer forma, hoje todos já sabem o quanto Sarney valoriza o seu

José Varella — 23/2/88



Presidente em várias línguas



Novikova põe Sarney em russo

lado escritor, e as iniciativas brotam, espontâneas, de editoras dos mais diversos idiomas. Principalmente de países em vias de ser visitados por ele.

Mas não é só o possível talento literário do presidente que é mais homenageado no exterior do que em seu próprio país. Em sua viagem à Bolívia, no início de agosto, Sarney viveu emoções que gostaria de experimentar no Brasil. Segundo um diplomata da comitiva presidencial, o presidente brasileiro foi aclamado pelo povo boliviano nas ruas, e não resistiu: rompeu com as normas de segurança e lançou-se nos braços do povo.

A tradutora — "Houve poucos presidentes escritores. É um fenômeno raro e importante. São sempre figuras interessantes e atraentes, que combinam as inquietudes espirituais com a conjuntura política. Embora lidem com problemas humanos, predomina neles o lado espiritual." A avaliação é da tradutora de Sarney para o russo, Lioudmila Novikova, que cita como exemplo de escritores-presidentes Agostinho Neto, de Angola; Leopoldo Senghor, do Senegal; e Lopes Michelsen, da Colômbia.

Lioudmila é funcionária da embaixada soviética em Brasília, e já traduziu obras de Gabriel García Márquez (colombiano), Mario Vargas Llosa (peruano), Alfonso Barrera Valverde (equatoriano), López Michelsen (ex-presidente da Colômbia), Dora Alonso (cubana) e do brasileiro João Ubaldo Ribeiro. A tradutora teve o primeiro contato com a obra de Sarney em 1986 e se entusiasmou por encontrar mais uma vez o que ela chama de o "fenômeno escritor-presidente". Solicitou imediatamente uma audiência ao Palácio do Planalto e pediu autorização ao presidente para traduzir seus livros.

Segundo ela, Sarney mostrou-se agradavelmente surpreendido e, é claro, não fez qualquer objeção. Lioudmila levou um ano para traduzir o *Brejal dos Guajás* e os *Dez Contos Escolhidos*. Teve, ao longo desse período, três encontros com o presidente para definir a melhor tradução de alguns termos regionais do Maranhão, cujo sentido nem os professores de literatura da Universidade de Brasília conseguiram estabelecer com precisão.

**Só dois** — Lembra Lioudmila que, assim como no Brasil os autores soviéticos mais conhecidos são Dostoiévski, Tólstoi e Tchecov, na URSS só se conheciam os autores brasileiros Graciliano Ramos e Jorge Amado. Em julho do ano passado, a revista *Literatura Estrangeira*, com tiragem de meio milhão de exemplares mensais, publicou sete contos de Sarney. Segundo as cartas recebidas dos leitores, Sarney conseguiu transmitir-lhes a idéia de um Brasil novo, diferente do Brasil mostrado por Jorge Amado, no qual os problemas gravitam mais na esfera carnal do que na política.

Lioudmila está há 20 anos fora da União Soviética. Antes de vir para o Brasil, morou na Colômbia, em Cuba, e no México. Na URSS, trabalhou durante sete anos como pesquisadora de cinema político para o Comitê Estatal de Cinema. Data desse tempo seu profundo conhecimento dos filmes de Glauber Rocha.